

Suplemento Cultural

Velejando a Poesia – ‘Veleiros da Essência’ em Corumbá

ELIZABETH FONSECA – poeta/escritora, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Já lançado oficialmente em Campo Grande, o livro ‘Veleiros da Essência’ do poeta Rubenio Marcelo, aportará agora aos mares poéticos da ‘Cidade Branca’ em evento que acontece hoje (20/12, a partir das 16h15min) no SESC Corumbá. Convidado pelo SESC, que tanto tem apoiado e valorizado a cultura, Rubenio Marcelo – além de autografar esta sua mais recente obra – estará (na ocasião) ministrando uma palestra sobre o palpitante tema: “Os Caminhos Essenciais da Poesia”.

Contendo 192 págs., prefaciado por José Fernandes (da AGL) e com apresentação de Raquel Naveira (da ASL), ‘Veleiros da Essência’ (ed. Life, 2014) – o 10º livro de Rubenio Marcelo – traz 80 textos poéticos escolhidos (da fase atual de produção do autor), dentre estes o poema ‘Corumbá’, que patenteia versos (por ex.) como estes: “Alçar voo com a natureza, / aos olhos ardentes da branca estação, / embarcar na primazia / e singrar o rio Paraguai... / velejar a floração da paz / refletida nas messes das águas e céus azuis / em harmônica meditação / com aves e camalotes...”. E encerra-se assim o belo poema: “...nas telas naturais da beleza, / reinventar o enlevo, flertar com os madrigais que apascentam o sonho... / ser assim encanto e acalanto, / qual fauna e flora do Pantanal... / ser luz e transcendência, / como o verso de



CORUMBÁ – Que estará recebendo ‘Veleiros da Essência’ no SESC

Lobivar e o traço de Jorapimo. / Viver... viajar... ser feliz em Corumbá!”.

A propósito, o ilustre professor universitário e crítico literário Emílio Davi (da UEMS) – analisando este telúrico poema (‘Corumbá’) de Rubenio Marcelo – assim consigna em sua recente tese de Doutorado em Letras (apresentada perante a UFRS): “(...) o poeta procura evidenciar todo um cabedal de ordem variegada que se forma distribuído pelos estratos textuais e que tem como produto a constituição de um lugar determinado. Para concretizar essa intenção, Rubenio faz investidas ao passado, recuperando lugares, ambientes e passagens históricas: relembra artistas, fala da natureza, compara e mostra, inclusive, um estado de espírito. O poeta quer, em síntese, retratar um espaço, mostrar seu valor e dizer, mesmo que de forma indireta, o que todo

aquele cabedal significa poeticamente para ele. Este espaço constitui-se, como já o aponta o título, da cidade de Corumbá e de seu entorno. (...) além da linguagem corrente, o poeta vale-se de figuras de linguagem que realçam a composição, formando imagens várias. (...) Rubenio Marcelo começa tudo isso se aliando à natureza posta em afeto quando se realiza o momento da *branca estação*. Para ele, todo o ambiente ali constituído é prioridade e se faz necessário para a indeterminação temporal. Ao meio de todo o clima harmônico criado, o poeta revela seu estado de espírito: quer meditar ouvindo o canto dos pássaros e, ao mesmo tempo, observar o descer macio e lento dos camalotes pelo rio Paraguai. (...) Ao final, nos dois últimos versos ‘Viver... viajar... ser feliz / em Corumbá’, Rubenio parece resumir o que é possível fazer nes-

“

Ser assim encanto e acalanto, qual fauna e flora do Pantanal... ser luz e transcendência, como o verso de Lobivar e o traço de Jorapimo. Viver... viajar... ser feliz em Corumbá!”

sa cidade. (...) Lembremos, ainda, que o poeta finaliza sua composição deixando sempre o sentido de indeterminação temporal presente em seus versos, aqui evidenciado novamente pelo emprego de formações verbais no infinitivo (viver e viajar), pela alteração aplicada na consoante fricativa /v/, indicando continuidade e, por fim, pelas reticências”.

Portanto, vamos todos – com o poeta Rubenio Marcelo – velejar a poesia, embarcar na primazia, reinventar o enlevo e prazerosamente percorrer ‘os caminhos essenciais da poesia’, admirando – como bem disse o confrade Geraldo Ramon – *legítima riqueza poética, tanto estética, como sob o ponto de vista filosófico, metafísico, social e humano, que permeia toda sua obra*. Assim, como ‘Veleiros da Essência’, vamos navegar... viajar... viver... e ser feliz (agora) em Corumbá!... Pois, como afirmou Maria da Glória Sá Rosa: “Rubenio traça o estatuto do fazer poético e reinaugura territórios de palavras que traduzem o que denominamos vida”.

POESIA

INSPIRAÇÃO NATALINA

Como a água espectral de seca mina
Que, à chuva intensa, eclode novamente,
Também me aflora a inspiração divina
Quando mais um Natal me chove à mente...

Doce emoção me tange e me domina,
E o amor a Cristo jorra em tal torrente,
Que em celestial dilúvio eu cumprio a sina
De fiel cristão e poeta reverente!

E então componho mais uma poesia,
Graças legando à Virgem-Mãe-Maria
Pelo soneto feito em dor e luz:

A dor é o sofrimento do seu parto,
Que vira luz – prazer de que me farto
Sentindo em tudo renascer Jesus!

GERALDO RAMON PEREIRA

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

A CONVITE DO SESC, ACADÊMICO RUBENIO MARCELO LANÇA SEU NOVO LIVRO E MINISTRA PALESTRA EM CORUMBÁ – Acontecerá hoje (20/12, a partir das 16h15min) o lançamento do livro “Veleiros da Essência” no SESC Corumbá (Rua Domingos Sahib, 570 – Porto Geral – Corumbá/MS), integrando especial evento *Café Cultural*. Na ocasião, além de autografar esta sua nova obra, Rubenio Marcelo ministrará uma concisa palestra interativa (para o público presente) sobre o tema: “Os Caminhos Essenciais da Poesia”.

Aprovado pelo FMIC/Fundac e já lançado recentemente em Campo Grande, o livro ‘Veleiros da Essência’ (Ed. Life, 2014) traz principalmente poemas inéditos em versos livres (e linguagem moderna) da fase atual de Rubenio Marcelo.

CEIA DE NATAL

RAQUEL NAVEIRA

Lembrei-me de tudo. O momento quando soube que estava grávida. Um anjo anunciou a notícia em meu ouvido. Foi um presságio, uma revelação, uma certeza que encheu o quarto e a minha vida. Ele me disse que eu geraria um filho e me falou o augusto nome que eu lhe deveria dar.

Jovem e insegura, fui para a casa de uma prima, que me recebeu com carinho. Ali passei três meses e tecemos os fios, os grãos, os dias e as noites daquele tempo de espera.

O parto foi natural. Meu corpo era uma gruta e você foi saindo devagar como um sol nascendo entre minhas coxas. Limpei a placenta e o envolvi com faixas. Seu pai ficou ao meu lado, silencioso, atônito diante do mistério.

Recuperei-me logo. Você estava for-

te, alimentado do leite de meu seio. Vestimos você com uma camisola branca de linho. Subimos a escada do templo e o apresentamos no altar. Não sei por que, mas uma espada atravessou minha alma naquela hora. Uma opressão. Você cresceu entre parentes e amigos. Tornou-se adolescente. Um adolescente causa aflições. Um dia você sumiu. Eu e seu pai o procuramos por toda parte. Você disse depois que já queria ser independente, andar sozinho, cuidar de suas próprias coisas. Doe. Os filhos não nos pertencem. Sabia que você tinha uma missão, um ideal, uma estrela.

Você sofreu muito pelas ruas, pelas esquinas, pelo mundo. Viu cenas que o fizeram amadurecer. Quase foi esfolado como um cordeiro. Dentro de você havia um vulcão de angústia, de rebeldia, de carne comprimida, de fervor escaldante. Lavas de suor e sangue correram por sua face. Você se entregou totalmente a algo maior. É bom

vê-lo criando. Criar é preciso. “Navegar é preciso, viver não é preciso”, é a máxima dos antigos navegantes fenícios e dos verdadeiros artistas.

Acostume-se. Há os que lavam as mãos. Os que vão chamá-lo de subversivo. Prisões, látegos, correias, cercas, vento açoitando, mar espumando ira nos cascos dos navios. Pancadas nas costas abertas como fruta esponjosa.

Não pense em glória, em ânsia de imortalidade, não foque nisso. Não ache que você é um rei. Aguarde críticas, ferões, espigões, agulhas de cacto. Prepare-se para que enterrem em seu couro os espinhos das maldades. A trave pousada sobre seu ombro. O pulmão engaiolado entre os ossos. Ainda bem que sempre há um irmão que nos ajuda e consola nos momentos de martírio.

Você foi elegante nas dificuldades. Soube perdoar e suportar a ignorância alheia. Isso me alegrou, embora meu coração tenha se rasgado em duas partes como um véu roxo.

3 Casos de Idosos

EDUARDO MACHADO METELLO

Vovô Machado nasceu em Xiquexique, na Bahia. Formado em Direito, colega de turma de João Mangabeira, veio muito moço para nosso Estado, como Juiz de Direito de Corumbá e depois de Nioaque, onde se casou com minha avó Elvira. Foi prefeito de Campo Grande em 1935.

Quando estava com cerca de noventa anos, quis rever a querência. Convidou a filha, minha mãe, e subiu o São Francisco em busca de suas origens, dos amigos e parentes.

Lá chegando, perguntava: - E o Fulano, onde está?

A resposta, sempre desastrosa: - Morreu há mais de dez anos.

E o Beltrano, ainda mora no Solar das Pedras?

- Ih! Esse faleceu há muito tempo. O filho dele, médico de renome, também já é finado. Creio que tem um neto vivo em Ilhéus.

- E a Casa Venturosa, ainda funciona?

- Que nada. Faliu logo depois da

Grande Guerra. Dizem que foi falência fraudulenta, sei lá. Acabou tudo.

Segundo minha mãe, vovô se arrependeu do passeio. Antes não tivesse ido, conservando apenas na lembrança as imagens da juventude. Voltou triste, deprimido, desapontado com a pobreza geral e os estragos que o tempo fizera no povo e na povoação.

Tenho fórmula para envelhecer: velho, para mim, é quem tem vinte anos a mais do que eu.

Sempre foi assim. Com meus quinze anos, os velhos tinham trinta e cinco anos. Aos vinte, os idosos eram de quarenta, a velhice começa aos sessenta. Hoje, acho que os velhos têm mais de oitenta...

- É, Eduardo – me dizia o Miguel – enquanto estiverem me chamando de coroa ou simplesmente de tio, a coisa ainda está boa. Mesmo quando me rotulam de velho ainda dá para aguentar. O diabo será quando passarem a me chamar de velhinho. Afé eu vou ficar desesperado...

O dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo, nosso ex-governador, pai da dinâmica Lélia Rita, era formado em Agronomia pela Universidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Morreu quando ia fazer cem anos.

A sua faculdade reúne, anualmente, os ex-alunos para uma festa tradicional de confraternização. A própria direção da casa se encarrega de tudo, repassando, é claro, os custos aos participantes.

As diversas turmas se agrupam conforme o ano da formatura. A festa irrompe e, por vários dias, todo mundo é feliz, revendo os ex-colegas e, talvez, alguns mestres.

A expectativa para aquele ano era enorme. O dr. Arnaldo ansiava por matar a saudade dos amigos. Já bem idoso, seguiu para o Rio Grande, a fim de participar da comemoração.

Que decepção! Enquanto as turmas mais recentes se esbaldavam nas animadas festanças, com inúmeras pessoas, o dr. Arnaldo ficou triste e sozinho. Soube, então, que todos os seus ex-colegas não podiam mais participar de festas.

Ele era o único sobrevivente de sua turma!

CONTO QUE NÃO É DE NATAL

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

De repente, a cidade amanheceu mascarada de Natal. Bem no centro da grande avenida, um enorme pinheiro verde com bolas e luzes coloridas, cercado por uma pequena multidão de crianças.

Por toda parte, um contínuo cruzar e recuzar de pessoas, sobraçando pacotes, cujas embalagens variegadas permitia adivinhar os mais variados presentes. Mas não eram todos os transeuntes. A maior parte tinha as mãos vazias. Muito vazias mesmo.

As vitrines enfeitadas eram uma atração, e os narizes da multidão viam colados a elas, e milhares de olhos arregalados, eu diria esbugalhados, para os letreiros e para os preços.

“Entre e solicite crédito” – “Compre tudo sem entrada e sem mais nada” – “O primeiro pagamento só no próximo ano”.

Puxa, barbaridade, que preços neste ano, le garanto que o Natal arrasa mais que fogo em tabocal.

A rua está apinhada de passantes. A garotada que sai dos colégios ainda com aulas, devido à greve dos professores no mês passado, enche de alaridos e de curiosidades as artérias da cidade.

Olha aquele carrinho, nossa, olha o preço.

Um grupo de meninas, livros debaixo do braço.

Aquele conjunto é um amor. Olha aquele outro. Não sei, neste ano, Papai Noel tá meio durão.

No calçadão, muitas flores, folhagens, loteria, as bancas de jornais e de livros estão abarrotadas. Revistas e mais revistas com mulheres nuas.

A velha puxa o marido pela manga da camisa.

Dá, não, véio, nós mal ganha o salário.

Um veículo da polícia ou de algum hospital, com a sirene berrando, passa arrepiando a multidão que fervilha.

Mira que bonitos, pero no se puede adquirir-los.